

A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA “COROAÇÃO DA RAINHA DAS TAIEIRAS” EM LARANJEIRAS, SERGIPE, BRASIL

Ivan Rêgo Aragão

Mestre em Cultura e Turismo (UESC-BA)

Técnico em Conservação de Bens Culturais Móveis e Integrados (FAOP)

Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (NPGEO//UFS) e Membro da ABHR

ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Palavras-chave: Nossa Senhora do Rosário, Imagem, Hibridismo Religioso, Taieira.

Introdução

Como religião do dominador português, o catolicismo foi imposto aos africanos escravizados que aportaram no período da colonização do Brasil. Concomitantes à liturgia católica, práticas de fé e devoções aos santos, tiveram espaço nos aglomerados urbanos das terras brasileiras, as invocações cristãs e marianas. Dentre as nossas senhoras que foram transplantadas pelos missionários religiosos portugueses, a Virgem do Rosário foi muito popular pelos cativos africanos e irmandades religiosas leigas dos homens de cor (MEGALE, 2008).

A cidade de Laranjeiras em Sergipe, principal pólo açucareiro e de mão-de-obra escrava nesse período, possuía uma larga devoção a nossa senhora sob esta invocação. A fim de se inserir na sociedade, os negros alforriados se organizavam em torno da Irmandade dos Homens Pretos para festejar o dia dos santos reis, apresentando chegança, cacumbi, taieira e maracatu. Como legado cultural originado da sociedade escravocrata, a Taieira é um folguedo católico religioso que faz parte das danças do ciclo natalino para louvar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Sendo trazido de Portugal, em terras brasileiras, o folguedo em questão se reconfigurou incorporando elementos da diáspora negra nos ritmos e letras, transitando dessa forma, em Laranjeiras/SE entre as religiões de cultura Nagô e Católica.

O sincretismo religioso é uma realidade em Laranjeiras. Em nenhum outro lugar do estado de Sergipe percebe-se tamanha presença de elementos africanos e europeus convivendo num mesmo espaço. Essa efusão de elementos de culturas tão diferentes permite a cidade vivenciar uma rica manifestação cultural (LEMOS et al, 2007, p. 18).

Dentro desse contexto, verifica-se que o grupo das Taieiras encontrou no município um espaço para desenvolver sua cultura e religiosidade conquistando o respeito, simpatia e força sociopolítica na cidade.

Nesse âmbito histórico, religioso e cultural, a imagem estudada encontra-se no altar principal da Igreja de São Benedito. Realizado no período do Ciclo Natalino, o rito devocional que coroa a imagem de Nossa Senhora do Rosário acontece no espaço principal da igreja: o altar. A coroa trazida por uma criança trajada de anjo é postada pelo padre na cabeça da representação escultórica mariana. Posteriormente, a coroa é retirada da Virgem do Rosário e colocada na cabeça da rainha do grupo das taieiras, onde permanece por um tempo determinado. Em seguida, o atributo retorna para a imagem talhada, dourada e policromada.

Além da justaposição de culturas e religiões de ambos os continentes, a participação no rito envolve batizado católico e pureza nagô. O presente trabalho analisa os aspectos históricos, sociais e culturais vinculados à imagem da Nossa Senhora do Rosário presente no ritual de coroação da rainha das taieiras. Através da pesquisa bibliográfica, documental e observação direta não participante, o objeto de estudo revelou ser um elemento importante para consolidar de forma ritual pública, a imagem da pureza e fé, perpetuando as regras de conduta no interior do grupo.



Figura 1: Taieiras de Laranjeiras. Foto: Ivan Rêgo Aragão.

A Taieira de Laranjeiras¹

Como legado do tempo do Brasil escravocrata, a Taieira (FIG. 1) é uma dança católica que faz parte das manifestações culturais religiosas do Ciclo Natalino e que utiliza dos aspectos da cultura africana (rítmicos, sonoros, linguagens), para louvar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Trazida de Portugal para o Brasil, a Taieira incorporou elementos da diáspora negra nos ritmos e letras das suas músicas. Alencar (2003), Lemos et al (2007), corroboram em mencionar que estes dois elementos estão vinculados ao negro, e nesse contexto, o grupo das Taieiras de Laranjeiras inseriu nos seus ritos, tanto os cantos benditos de louvação aos santos negros, como aos orixás, se utilizando do culto afro católico. De acordo com Dantas (1972), no passado existiam grupos de Taieiras nos estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro, “[...], porém, na atualidade uma sensível redução da sua área de ocorrência, nestes estados” (LEMOS et al, 2007, p. 25). Atualmente, o caráter legado pelo sincretismo religioso tem característica marcante nas Taieiras de Laranjeiras, o que não acontece com todos os grupos desse folguedo em Sergipe e do Brasil que têm característica artístico-cultural para o espetáculo (ALENCAR, 2003; DANTAS, 1972 e RIBEIRO, 2003).

A Taieira em Laranjeiras desde o século XIX, até o momento presente, se firmou em uma linhagem de seis gerações, sempre com a presença marcada pela liderança de mulheres afro descendentes. Dantas (1972, p. 56), nos informa que “antes da famosa Umbilina, houve a negra Calu que já morreu idosa, antecedida por Maria Nenêga que recebeu a tradição de Sá Geralda, antigamente a dona desse espaço”. Já no século XX, dois fatos puseram o caráter do hibridismo religioso, que se transformou em marca da expressão principal do grupo. Sendo uma manifestação vinda desde o período da segmentação dos espaços religiosos e étnicos, as Taieiras com a liderança de Mãe Bilina² (FIG. 2) revelavam a partir da primeira metade do século

¹ Laranjeiras cidade tombada desde 1996 pelo IPHAN pelo seu conjunto arquitetônico e paisagístico. Está situada na zona central do Estado de Sergipe, apresentando uma área de 164 Km² e distando em linha reta 18 km da capital do Estado, Aracaju. Faz parte do vale do rio Cotinguiba, que foi a principal região do Estado em que se desenvolveu a produção canavieira no século XIX.

² Carinhosamente chamada de Mãe Bilina, a líder tinha como nome de batismo Umbilina Araújo.



Figura 2: Mãe Bilina. Fonte: Acervo do Museu Afro de Laranjeiras, SE.

anteriormente citado, o hibridismo afro católico. Tal realidade se concretizou com o ritual de coroação da rainha na Igreja de São Benedito, onde antes da citada líder, os ritos da cultura Nagô e Católica não dialogavam.

57

Segundo Alencar (2003), na Taieira de Laranjeiras são perceptíveis elementos de rituais afros, não só nos ritmos e nos cantos, mas no cortejo remanescente do cerimonial dos congos africanos que se fixaram desde o Brasil colônia. Essa proximidade entre culturas diferentes que acontecia somente no ápice da cerimônia de coroação da rainha tornou-se recorrente no cotidiano do grupo. Ao assumir a direção na primeira metade do século XX, Dona Umbilina Araújo que era Mãe de Santo, trouxe os elementos africanos da cultura Nagô para dentro do ritual católico do grupo. Em seu trabalho como líder do Terreiro Santa Bárbara Virgem, quanto no folguedo das taieiras, D. Umbilina estipulou o batizado católico e a pureza como premissas para a inserção no grupo. Para tornar-se membro no grupo das Taieiras tem que ser menina e moça virgem (LEMOS et al, 2007). Em consequência dessa última disciplina, Mãe Bilina modificou a faixa etária dos membros do gênero masculino (rei, ministro e patrão), que passou de adultos para meninos e pré-adolescentes.

Na discussão sobre pureza, Douglas (1976) menciona que esta noção tem o intuito de estabelecer ordem num mundo caótico. As regras vinculadas à pureza são para demarcar separações no trato social, reafirmar valores éticos e religiosos nas sociedades mais tradicionais (DOUGLAS, 1976). Ainda no debate sobre a pureza na tradição nagô do Brasil, Dantas (1982) vincula esse preceito como um meio de marcar as diferenças e rivalidades, como ferramenta para combater atos discriminatórios e para ganhar respeito diante da sociedade. Sua ideologia “pressupõe a existência de um estado original, uma espécie de reduto cultural preservado das influências deturpadoras de elementos estranhos [...]” (DANTAS, 1988), promovendo a pureza nagô como elemento que amálgama um mesmo patrimônio de traços culturais. O “ser puro” também remete ao ideal de imaculação de Nossa Senhora que é louvada dentro do folguedo das Taieiras sob a invocação da Virgem do Rosário.

Com o falecimento de Mãe Bilina na década de setenta do século passado, a liderança fica a cargo de D. Lourdes dos Santos que, durante quarenta anos, manteve-se fiel aos preceitos evocados por sua antecedente. Também com o falecimento D. Lourdes, a partir de 2003, Bárbara Cristina tornou-se a Aloxa³ e assumiu a

³ Chefa religiosa do terreiro Nagô.

liderança do grupo. A partir das sucessões naturais ocorridas no interior do grupo, verifica-se que a taieira de Laranjeiras está alicerçada numa sociedade matriarcal, onde ao decorrer do falecimento da líder, os orixás são quem definem sua sucessora.

Vestido em traje de predominância vermelha e branca (cores de Oyá/Iansã), fitas coloridas com cada cor representando o Orixá específico e chapéus com flores, o grupo rememora o reinado do Congo que foi recorrente em representações dos festejos das irmandades, ou ordens terceiras católicas, de homens pretos. Nesse contexto, o que torna a Taieira de Laranjeiras singular em relação aos outros grupos de Sergipe e de outros estados brasileiros, além do aspecto já citado da pureza, é o seu processo de existência pautado na liderança e relações de poder das mulheres: filhas e mães de santo, culminando na atual intimidade no diálogo com o universo afro católico, sendo uma manifestação popular que também busca a valorização da tradição cultural afro sergipana.⁴



*Figura 3: Igreja de São Benedito, séc. XIX
Foto: Ivan Rêgo Aragão.*



Figura 4: Imagem Talhada, Dourada e Policromada de S. Benedito, séc. XVIII. Foto: Ivan Rêgo Aragão.

No passado a coroação da rainha das taieiras era realizada no dia 06 de janeiro, dia dos santos reis. Porém com o Encontro Cultural de Laranjeiras,⁵ o dia dedicado a Nossa Senhora do Rosário e Oyá passou a ter data móvel ocorrendo sempre no último dia do referido evento.

No dia da coroação, as taieiras saem da sede do Terreiro Santa Bárbara Virgem, descem a rua e param as margens do rio Cotinguiba, onde junto aos grupos do Cacumbi⁶ e da Chegança⁷ prestam homenagens ao Bom Jesus dos Navegantes e a Orixá das águas doces.⁸ Concluída esta etapa, percorrem as principais ruas do centro da cidade até a Igreja de São Benedito (FIG. 3) para o rito da coroação. No mesmo patamar que a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a de São Benedito (FIG. 4) permanece como o outro orago principal do templo religioso católico. Segundo o inventário nacional de bens móveis e integrados – Sergipe

⁴ Em 2008 o Grupo das Taieiras de Laranjeiras foi um dos finalistas nacionais do Prêmio Culturas Populares na categoria ‘ Grupos Tradicionais Informais’. Concurso promovido pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC).

⁵ Evento realizado ininterruptamente desde 1975. Em 2015 o Encontro Cultural de Laranjeiras terá sua 40ª edição.

⁶ O Cacumbi esteve sempre ligado ao catolicismo popular negro, de norte a sul do Brasil, também conhecido como catumbi ou quicumbi, ele sempre apresentou características semelhantes em suas trovas, bandeiras, roupagens, tambores e espadas, instrumentos presentes na dança. Tinha por objetivo, fazer a coroação de seu rei e de sua rainha e homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (SILVA, 2013, p. 2).

⁷ Em Laranjeiras, a Chegança acompanha o grupo das Taieiras e do Cacumbi para fazer adoração a Nossa Senhora do Rosário. A Chegança é um auto português que encena uma batalha marítima entre mouros e cristãos.

⁸ Associada ao rio Niger na África, Oyá é também uma divindade vinculada às águas como Oxum e Iemanjá, mas também é relacionada ao elemento ar. É conhecida também como Iansã.



Figura. 5: Momento da Coroação da Rainha das Taieiras.
Foto: Ivan Rêgo Aragão



Figura 6: Coroa retornando para a cabeça de Na. Sa do Rosário. Foto: Ivan Rêgo Aragão.

e Alagoas (BRASIL, 2001), a Igreja de São Benedito foi construída pelos escravos na primeira metade do século XIX. Possui tombamento: estadual, federal e em conjunto. No momento presente, a edificação centenária é utilizada para cultos e eventos religiosos, manifestações folclóricas e visitação.

Um desses eventos religiosos é a “Coroação da Rainha das Taieiras” (FIG. 5). O rito devocional que remove a coroa da imagem de Nossa Senhora do Rosário⁹ por um determinado tempo e coloca na rainha representante do grupo. Esse ritual acontece no altar, espaço principal da igreja, onde a mesa para a celebração da missa é removida e o altar se transforma em palco para adoração da imagem mariana. A coroa trazida por uma criança trajada de anjo é postada pelo padre na cabeça da representação escultórica mariana. Posteriormente, a coroa é retirada da Virgem do Rosário (FIG. 6, 7 e 8) e colocada na cabeça da rainha do grupo das taieiras, onde permanece por um tempo determinado. Em seguida, o atributo retorna para a imagem talhada, dourada e policromada.

59

Terminada essa fase do rito, as taieiras dançam e catam para louvar Nossa Senhora do Rosário ao som do bumbo, querequexés e ganzás¹⁰ e em dupla, deixam ramos de arruda no altar principal. Entre as louvações e cantos despontam as letras das músicas “São Benedito não quero mais c’roa”, “Lá vai São Benedito”, “Deus vos Salve Casa Santa”, “Entremos com muita alegria”, “Aiê, Cotia Macamba”, “Guia com Guia”, “Olhe o rio fundo”, “Moça Baiana”, “Em Porto Chegamos”, “Calango”, dentre outras (DANTAS, 1972). As taieiras ao terminarem a louvação, tem início as homenagens a Nossa senhora do Rosário e São Benedito pelos grupos da Chegança e Cacumbi respectivamente.

Considerações Finais

Ao observar *in loco* a coroação da rainha das taieiras no encerramento do Encontro Cultural de Laranjeiras em janeiro. Ritual cultural religioso que remove a coroa da imagem talhada e policromada da Nossa Senhora e, momentaneamente, põem na cabeça de uma integrante do grupo, observa-se a imbricação da religiosidade, poder e pureza dentro do grupo analisado.

Além disso, na data do evento para a adoração a Nossa Senhora do Rosário, a taieira atrai a atenção, amor e simpatia da comunidade laranjeirense e dos participantes do encontro cultural, não só pela beleza cênica

⁹ A imagem de Nossa Senhora do Rosário que participa da celebração da coroação da rainha das taieiras atualmente pertence ao acervo do Museu de Arte Sacra de Laranjeiras. É uma escultura de madeira talhada, dourada e policromada do século XVIII. Possui tombamento federal e em conjunto com a igreja e seu estado de Conservação é Regular. As suas dimensões são: 1.57de altura, 65 cm de largura e 36 cm de profundidade.

¹⁰ De acordo com Frungillo (2003), o querequexé e o ganzá são Instrumentos de percussão de influencia africana.



Figura 7: Imagem talhada, dourada e policromada de N.S. do Rosário, séc. XVIII. Foto: Ivan Rêgo Aragão.



Figura 8: N. S. do Rosário (detalhe do panejamento). Foto: Ivan Rêgo Aragão.

das roupas, música, som e bailado como pelo histórico de resistência cultural. Ao longo de mais de cem anos, o grupo das taieiras de Laranjeiras conquistou respeito, força política, agregando em seu seio meninas das famílias da sociedade local. As taieiras são também referência cultural sobre os processos singulares de hibridização religiosa ocorrida no encontro de culturas dentro do território brasileiro, especialmente em Sergipe.

São essas especificidades, que reverberam nos ritos religiosos do grupo e na devoção tanto aos orixás como aos santos católicos, imbricando elementos de convergências religiosas, o lugar do papel feminino nas relações sociais e de poder, etnicidade e alteridade, temas que perpassam pelo olhar antropológico que embora recorrentes nos estudos que permeiam a cultura, são relevantes para entender as sociedades contemporâneas.

Convergências que resultam em uma religiosidade própria da cultura sergipana e que tem na sua trajetória a justaposição de religiões que dão novos significados e proporcionam a circularidade de culturas (FERRETI, 2007). Nesse sentido, a Taieira da cidade de Laranjeiras em Sergipe com o ritual da coroação da rainha, é documento sobre o legado do sincretismo brasileiro colonial, tipificando e equalizando de forma singular, práticas que estão no limiar de duas culturas continentais distintas, produzindo uma nova identidade, a partir dessa simbiose cultural.

Referências

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e folguedos**. Iniciação ao folclore sergipano. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação. Aracaju, 2003.

BRASIL. **Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Sergipe e Alagoas**. Aracaju: 8ª. Sup. do IPHAN, v. 7 e 8, m. I e II, 2001.

DANTAS, Beatriz Góis. **A taieira de Sergipe**: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. Repensando a pureza nagô. In: **Religião e sociedade**, n. 8, Julho de 1982, p. 15-20.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Multiculturalismo e sincretismo. In: **I Congresso Internacional de Ciência da Religião**, Goiânia, UCG, 03 a 05/09/2007. p. 1-10.

FRUNGILLO, Mário D. **Dicionário de percussão**. São Paulo: EDUNESP, 2003.

LEMOS, Andrey R. et al. **A Taieira**: cultura e identidade no município de Laranjeiras. Monografia (Licenciatura em História). Aracaju: UNIT, 2007.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da virgem Maria no Brasil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

SILVA, Jaime José S. A dança do Cacumbi: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. In: **Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, 2013.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe**: uma tradição revista. Dissertação (Mestrado em Música). Salvador: UFBA, 2003.